VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

ESCRITA EPISTOLAR: REPRESENTAÇÕES DA MASCULINIDADE NAS CARTAS DE MAXIMILIANO MEDINA (1908 – 1919)

José Ribamar Vieira Maramaldo*
Paulo Fernando de Souza Campos (Orientador)**

O sentimento como objeto de interesse da História não é novo. Estudos históricos realizados no século XIX e início do século XX se apropriavam do sentimento como possibilidade de entendimento dos fenômenos histórico-sociais. Os trabalhos do historiador suíço Jacob Burckhard (1818–1897), que tratava a inveja, raiva e o amor permitem tais considerações, assim como a produção do historiador holandês Johan Huizinga (1872 - 1945) preocupado com a oscilação emocional e a falta de autocontrole ou ainda do sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990), que usando o estudo de Huizinga, que tratou a história cultural a partir das tentativas de controle das emoções como explica Peter Burke (2008). No entanto o interesse era restrito, pois a grande maioria dos historiadores resistia aos temas e as abordagens do estudo do sentimento como objeto de interesse histórico. Essa resistência se deu pela origem oitocentista da História como ciência, direcionada especificamente à política e com pretensões de neutralidade, objetividade e imparcialidade, voltada para os domínios da ação racional,

* Aluno do Curso de Graduação em História, da Universidade Santo Amaro – UNISA, São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento – CISGENS/UNISA/CNPq.

** Doutor em História. Professor do Curso de Graduação em História e Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro – UNISA, São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento – CISGENES/UNISA/CNPq.

evitando com isso os sentimentos, considerados a parte irracional do homem (BOURDÉ; MARTIN, 1993).

Nesse sentido, o estudo em desenvolvimento pretende analisar as representações da masculinidade a partir da consulta a um conjunto de 25 cartas, escritas por Maximiliano Medina no intervalo de 1908-1919 e postadas da cidade de São Carlos para Esther de Figueiredo, que vivia na cidade de São Paulo. O estudo da escrita epistolar ou o uso da correspondência como fonte permite abordar o sentimento na medida em que o gênero do discurso e a finalidade social das cartas expressam informações ditas no privado, lidas no recôndito de espaços íntimos, que interessam ao historiador dos sentimentos e das sensibilidades. As cartas são fontes por excelência para o estudo das abordagens possibilitadas pelo campo intradisciplinar.

A expansão do campo tem seu fortalecimento com a primeira geração dos *Annales* visto que como acentua Ana Paula Vosne Martins (2013) Marc Bloch e Lucien Fevbre constroem uma nova perspectiva sobre o sensível, o imaginário e o maravilhoso ou quando de acordo com Sandra Jatahy Pesavento (2007, p.14) "[...] Febvre defendia a necessidade de recuperar a vida afetiva e as emoções [...]". Como as autoras permitem considerar, a grande contribuição por parte dos *Annales* é evidenciado pela aproximação com outras áreas do conhecimento como a Sociologia, Antropologia, Psicologia a partir de estudos sobre religião, linguística e psicanálise.

Ainda segundo Martins (2013, p.8) nas décadas de 1950 e 1960, novas abordagens históricas contribuíram para o surgimento da história do sentimento propriamente dita. Dentre estas, a historiografia destaca a demografia histórica e a história da família, que fizeram descobertas sobre a sexualidade e as sensibilidades no passado e de forma mais especifica com relação ao casamento, as crianças e a morte. A história da sexualidade e a história das mulheres, por sua vez, contribuíram com novas descobertas sobre representações e sensibilidades de grupos marginalizados pela historiografia tradicional e essencialmente política, nacionalista e escrita no masculino. Todavia, apesar desses avanços, os estudiosos consideram que essas abordagens não problematizaram os sentimentos que resgataram. Apesar dessa resistência, na década de 1980, publicações de historiadores ligados à Nova História como, por exemplo, "[...] George Duby e seus importantes estudos sobre o amor, Elizabeth Badinter e a reflexão em torno da desnaturalização do amor materno e Anne Vincent-Buffault e seu estudo sobre as sensibilidades e emoções. [...]" (Martins, 2013, p.8).

Como aponta Peter Burke (2008), o campo se expande na década de 1990 quando a Nova História Cultural, em meio a um declínio nas produções inovadoras e mesmo sendo alvo de críticas aponta como uma das formas de sair dos impasses a inclusão de domínios antes deixados de lado, dentre eles a emoção, evidencia o sentimento como objeto de interesse na pesquisa em História. Nesse sentido, o autor aponta o surgimento de trabalhos como a coleção de Peter Gay sobre os amores e ódios da burguesia do século XIX, o estudo sobre a ambição, o amor, a preocupação e outras emoções na França do século XIX, expressas nos trabalhos de Theodore Zeldin e os trabalhos sobre as emoções nos Estados Unidos do início do século XX como o manifesto pela "emocionologia histórica" de Carol Stearns e Peter Stearns, bem como o trabalho de Natalie Zemon Davis intitulado "Cartas de Perdão".

O texto clássico de Jean Delumeau (1983) sobre o medo também é característico de como o sentimento interfere nos processos históricos, agindo sobre as ações humanas e os acontecimentos. No Brasil, os estudos que tratam o sentimento podem ser caracterizados pelos trabalhos desenvolvidos por Ana Paula Vosne Martins, que em 2001 organizou o dossiê publicado na Revista Questões e Debates, da Universidade Federal do Paraná – UFPR, intitulado "História das Sensibilidades e Emoções" no qual, além da autora, destacam-se os trabalhos de Mauro Guilherme Pinheiro Koury, Denise Bernuzzi de Sant'Anna e Maria Tereza dos Santos Cunha. Do mesmo modo, Durval Muniz Albuquerque Jr, que além do minicurso ministrado no Simpósio Nacional de História, é autor do capítulo intitulado "Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças", publicado pela Universidade Estadual de Maringá como parte de um projeto de formação de professores do ensino fundamental e médio, no qual problematiza a condição do gênero masculino (2011).

Neste ponto, encontramos ressonância com o propósito do estudo ora apresentado e em desenvolvimento, que trata da representação do masculino a partir das correspondências de Maximiliano Medina endereçadas a Esther de Figueiredo. As cartas desvelam aspectos diversos, entre os quais, o sentimento masculino expresso nas palavras e posicionamentos assumidos e revelados nos arranjos amorosos. Assim, os objetivos estabelecidos para a pesquisa pretendem analisar a construção do sentimento masculino no processo histórico, bem como perceber como um homem de elite, que viveu os anos iniciais da República, se manifestava, quais eram suas sensações nas relações de gênero.

Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2011) reitera que o gênero masculino é representado por ter um corpo musculoso, rústico, viril, que vive em constante tensão e que evita transparecer qualquer traço que possa caracteriza-lo como feminino. Também é concebido como detentor de um comportamento, corajoso, agressivo, desleixado, sem vaidade, competitivo, mas também frio e calculista, racional, que não deixa transparecer suas emoções, que não possui incertezas ou fraquezas físicas e emocionais, intolerante quando contrariado, e que busca o poder, o domínio, em particular sobre as mulheres.

Como aponta Albuqurque Jr (2011) este modelo de masculinidade esta associado a práticas violentas, a situações de risco que levam à morte, a falta de cuidado consigo e com o outro, ao estresse, devido ao constante estado de competição que por sua vez os levam a doenças, associado à resistência em admitir fraquezas, que os conduzem a quadros mais graves e de maior dificuldade de recuperação. Este modelo também deve ser questionado, pois se pauta na não aceitação de modelos alternativos do comportamento masculino leva a maioria dos homens à infelicidade por não conseguir realizar em si o modelo ideal de masculinidade. Além dos fatores listados, tal modelo de masculinidade também tem como consequência a violência direcionada as mulheres e crianças, que são símbolos de fraqueza, a qual o homem traduz como avesso. O modelo de masculinidade também serve de apoio para a maioria das guerras e conflitos sociais, que se apoiam nas ideias de virilidade, força e coragem masculina.

Nesse sentido, como pensar a masculinidade no processo histórico? Considerando que os padrões de comportamento e representação social do homem se altera, qual a representação de masculinidade expressas nas cartas escritas por um homem anônimo na década de 1910? Em que medida o estudo da escrita epistolar permite constatar a representação do homem em São Paulo no início do século XX?

ESCRITAS DE SI: A REPRESENTAÇÃO DO MASCULINO NAS CARTAS PARA ESTHER

Por escrita epistolar entendemos a escrita de si, tanto na esfera privada, quanto pública como declarações, cartas de amor e amizade, agradecimentos, pedidos, informes que sintomaticamente os usos da correspondência permitem localizar. Na perspectiva história contemporânea, seus usos assumem maior destaque no movimento conhecido como História Nova ou terceira geração da historiografia francesa pós-1929. Ainda que

cronistas se utilizassem dessa fonte para escrever a História na Idade Média, a partir dos *Annales*, o uso da escrita epistolar é renovado. Os novos historiadores não mais se interessavam em criar um devir histórico, conduzido por dogmas do cristianismo ou pautado na biografia que narrava a vida dos santos, mas em entender os processos, as transformações e rupturas a partir da experiência de agentes históricos desconsiderados pela historiografia, inclusive, a construída pelas filosofias da história. Ao contrário, pretendiam perceber a experiências de homens e mulheres a partir da problematização de fontes históricas diversas, que se afastava da oficialidade do documento considerado histórico para explorar a variedade de registros do passado, por sua vez, não mais caracterizado como pronto e acabado.

De acordo com Roger Chartier (1991), o conceito de representação na História implica na consideração que atribui significados aos fenômenos ou indivíduos. Para o autor, os significados construídos e atribuídos não são aleatórios e tampouco destituídos de intencionalidades, ao contrário, servem para a manutenção do poder em relação ao grupo que as forjam. Nesse sentido, quais as representações do masculino que emergem dos registros históricos utilizados na presente pesquisa? Como as cartas escritas para Esther de Figueiredo, em resposta às suas demandas amorosas, refletem o gênero masculino? De que modo Maximiliano Medina desvelava sua masculinidade?

No início do século XX, a cidade de São Paulo passava por um processo de transformações sociais significativos, que alteraram não somente a malha urbana da cidade como também as redes de sociabilidade criadas a partir de então. Havia uma tentativa deliberada de eliminar a antiga caracterização da cidade de São Paulo como de pouca expressão para uma cidade moderna e industriosa, cujos ares pudessem dota-la de um cosmopolitismo provocado pela europeização do seu espaço urbano.

Esse projeto de alteração da importância da capital paulista contou com a exclusão deliberada dos nacionais pobres da sociedade paulistana, e para isto foi de grande importância a recepção dos imigrantes europeus, em particular os italianos. Estes passaram a ocupar os setores fundamentais da economia da capital, com o argumento de que eram mais qualificados. Alem da exclusão do nacional pobre, o imigrante também representava, para as autoridades paulistanas, o branqueamento e europeização da sociedade paulistana, o que simbolizava o avanço da civilidade, do comportamento produtivo ligado a uma disciplina do trabalho. Nesse sentido a cidade de São Paulo passou a ser vista como a mais civilizada e desenvolvida da Federação (SANTOS, 2003).

Alem dessa alteração na composição da população paulistana, a cidade também passou por um grande processo de urbanização, em grande parte devido à imigração, que ampliado pela população de nacionais, gerou um crescimento populacional de quase 100% (SANTOS 2003). Como aponta Boris Fausto (1995) em grande parte a capital paulista era destino dos imigrantes, pois oferecia grande variedade de atividades como artesanato, comércio de rua, construção, sintomaticamente, de fábricas e indústrias, as quais remodelaram a cidade tanto em relação à urbe, quanto aos comportamentos sociais. Outro fator de grande importância para sua urbanização foi o elo que fazia entre a produção cafeeira e o porto de Santos, o que fazia dela um centro distribuidor de produtos importados, possuindo os maiores bancos. Com a urbanização a cidade também se industrializou, tendo como base o setor cafeeiro, que alem de ter sido grande investidor nas primeiras indústrias, promoveu investimentos nas estradas de ferro, criou um mercado para os produtos manufaturas com o incentivo a imigração, desenvolveu um comercio de importação e exportação que contribuiu para a distribuição dos produtos e a aquisição de maquinário devido a posse de moeda estrangeira (FAUTOS, 1995).

Maximiliano Medina era um representante das elites paulistanas. Ainda que o estudo não tenha avançado na investigação das origens familiares do escrevente, as cartas permitem afirmar que se tratava de um estudante da atual Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiróz" inicialmente identificada como Escola Agrícola São João da Montanha. Sua família residia na cidade de São Paulo, onde conheceu Esther. Sua ida para Piracicaba implicou, como sugere a documentação, assumir o cargo de Diretor do Instituto Agronômico, Posto de Indústria Animal "Dr. Pádua Salles", de São Carlos, cidade próxima quando esse afirma em carta datada de 19/05/1910 "Após curta permanência em 'Nova Odessa' aqui hontem cheguei, tomando logo em seguida posse da direcção do Posto." (19/05/1910).

A leitura das cartas possibilita observar que Naninho – como assina as cartas – era um homem que respondia a característica do meio social do qual emergia. O trabalho é destacado nas correspondências, mas a vida social, a familiar e a religiosa indicavam a formação europeia, que caracterizava seu comportamento e elegância, destoavam dos significados atribuídos a uma população sem o refinamento. Isto fica evidente no relato que faz referente a um ex-empregado e sua esposa em carta do dia 08/03/1919: "[...] O Gustavo é que me tem amolado bastante. Diz cobras e lagartos de nós pela cidade. O Alfredo Leite já por duas vezes expulso-o do armazem. Tenho receio que elle appareça

aqui na fazenda porque estava disposto a quebra-lhe a cara. Nunca vi casal tão ruim. Estou convencido que elle é ainda pior que a mulher.[...]".

Em contraposição a violência explicitada que destaca os aspectos da masculinidade, as cartas escritas para Esther desvelam um homem carinhoso, amoroso, sugerindo uma fidelidade ao relacionamento, algo expresso no cartão – *carte de visite* – encaminhado à sua futura esposa, e primeiro registro do conjunto de cartas escritas para Esther (vide foto 1). Suas cartas iniciavam com felicitações aos pais e familiares desvelando a postura que deveria possuir uma pessoa educada nos rigores e lastros distintivos de uma classe social diferenciada da imensa maioria dos brasileiros. No contexto, a literatura que trata o tema permite considerar que 80% da população nacional se constituída de analfabetos.

Foto 1

Carte de Visite de Maximiliano Medina

(1908)

A análise dos registros permite considerar que para Naninho o homem é o sexo forte ou como mesmo explicita "talhado para o sofrimento", que se dedica ao trabalho no sentido de proteger a mulher das agruras da vida e oferecer as condições para que tenha uma vida tranquila e feliz. Como provedor, o homem que as cartas desvelam percebe a mulher como frágil, mas única capaz de completar os desígnios de um homem. Tais características ficam evidentes nos seguintes trechos das cartas postadas respectivamente em 19/10/1910 e 22/10/1910 :

> Elle [o homem], que foi talhado para o soffrimento e para as grandes lutas da vida, possuidor de um coração rijo, duro e forte, inabalável nos seus actos e recto no seu pensar, o que seria delle se não fosse a mulher, que o suavisa e o consola em suas dores, que lhe da uma existência mais aprazível e doce, com o seu modo manso e com suas palavras ternas!... (22/10/1910)
>
> Conprehendes perfeitamente que viajar seis ou cinco leguas a troly ou á cavalo, não é obra de um momento; e além disso, o cançaço que se tem depois de uma destas longas viagens torna-nos exhaustos, e apezar ainda disto sento-me ainda á mesa de trabalho e escrevo até alta noite com o fim de fazer o relatorio, para remettel-o no dia seguinte, a Secretaria da Agricultura.
>
> Emfim, desculpo-te porque não podes imaginar o que isso seja, mas que digo é pura verdade. (19/10/1910)

Mesmo possuindo crença nessa suposta força do homem frente ao sofrimento, Naninho é capaz e expressar fraquezas em suas cartas. Como exemplo da sensibilidade expressa evidencia-se o momento da morte de sua irmã, relatada a Esther em carta de 19/05/1910, quando escreve "Este terrivel acontecimento foi immediatamente confirmado por uma carta que recebi de papae, e foi com os olhos a gotejarem lagrimas de dôr que li.". Nesse sentido é possível observar nas cartas, não uma concepção de homem harmônica ao padrão considerado, por exemplo, por Albuquerque Jr (2011), presentes na idealização do comportamento do homem como forte e rústico, mas conflituosa em relação a esse padrão de masculinidade, pois se revela gentil e sensível. Mesmo considerando que o comportamento à época buscava uma europeização dos costumes, as cartas permitem considerar que se tratava de homem cuja masculinidade não passava pela violência e brutalidade atribuída aos homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da história como aponta Albuquerque Jr. (2011) foi atribuído ao homem um comportamento específico, demarcado por características que tinham o intuito de diferencia-lo do feminino, tais como agressividade, competitividade, ausência de emoções ou fraquezas e a busca de domínio sobre as mulheres. Tais características diferenciam-se do que foi desvelado nas cartas, nas quais Maximiliano demonstra comportamentos que evidenciam uma maior sensibilidade, sendo capaz de demonstrar fraquezas, angústias, compaixão, isto é, sentimentos historicamente atribuídos ao feminino. Do mesmo modo, modelos de conduta relacionados à masculinidade como a

força, brutalidade e rigidez não estão presentes nos registros. Tal posicionamento de Maximiliano possivelmente relaciona-se à alterações na capital paulista, sua cidade de origem, que no contexto passa por um processo de europeização.

Representações são historicamente construídas por determinados grupos e por isso mesmo sofrem alterações. Nesse sentido, a pesquisa historiográfica é de grande importância, pois possibilita balizar comportamentos, inclusive, a masculinidade. Portanto, por meio dos processos históricos é possível considerar que, apesar de existirem permanências, também ocorrem mudanças, ou seja, apesar de haver um padrão de masculinidade considerado como o ideal, esse se altera e mesmo em momentos históricos específicos tal modelo não é seguido em absoluto, existindo varias formas de masculinidades ao longo da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. . Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: SIMILI, Ivana Guilherme (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade.** 1ed. Maringá: Eduem, 2011, v. 1, pp. 37-47.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Metódicas**. Portugal: Publicações Europa-América, 1983. pp. 99-118.

BURKE, Peter. Alem da virada cultural?. In: _____ **O que é história cultural?.** 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. pp. 131-163.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estud. av.**, São Paulo , v. 5, n. 11, Abr. 1991. pp. 173-191. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 Nov. 2014.

FAUSTO, Boris. Principais mudanças socioeconômicas – 1890 a 1930 In:_____ **Historia do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação. 1995, pp. 275-295

MARTINS, A. P. V. . Apresentação. **História. Questões e Debates**, v. 59, 2013. pp. 7-9.

PESAVENTO, S. J. . Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: _____; Langue, Frédérique. (Org.). **Sensibilidades na história:** memórias singulares e identidades sociais. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007. pp. 9-21.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. Capitulo I: "Os Elementos Indiscutíveis de Nosso Progresso" In:_____. **Nem Tudo Era Italiano** - São Paulo e pobreza (1890/1915). 2. ed. São Paulo: Annablume e FAPESP, 2003. pp. 25-64.